

Bourbaki e Jabin: análise de discurso em atos de vidas¹

Bourbaki and Jabin: Discourse Analysis in acts of lives

Antônio Carlos Cerezzo
(Antônio Carlos Almeida)

Universidade de São Paulo

RESUMO:

No presente trabalho, partindo das considerações de Foucault a respeito das noções de autor e obra, e sua articulação com a de discurso, além de restos de lembrança pessoal e vasto material obtido via internet, pretende-se traçar um retorno aos processos de construção de Nicolas Bourbaki e Jérôme Jabin, de modo a abordar os efeitos envolvidos na escrita, tanto no que diz respeito às condições para sua consecução, como ao que dela decorre; os aspectos relacionados a seu registro e legitimação; a efetivação daquele que executa o ato de escrever como autor; e os desdobramentos que se efetuam sobre outros escritos.

Palavras-chave: análise de discurso; autor; trabalho

ABSTRACT:

This paper intends to plan a return to Nicolas Bourbaki and Jérôme Babin's construction processes, starting from Foucault's ideas about the concepts of author and work and their relationship with the concept of discourse, also considering personal memory and a large amount of internet material. This paper discusses the effects involved in writing, which concern the conditions to achieve it and the outcomes of its achievement; the aspects related to registration and legitimating of writing; the validation of the person who writes as the author of the work; and the unfoldings, which take place on other written works.

Key words: Discourse Analysis; author; work

'Não por vaidade', escreveu ela, 'pois até as iniciais abaixo podem ser falsas. Mas porque é irresistível deixar as pessoas sem saber no que acreditar'.

J. U. R., *A Casa dos Budas Ditosos*

Advertência

Esse trabalho foi escrito em grande parte apoiado em restos da lembrança e em material obtido via internet. A fidedignidade dos primeiros e a veracidade do segundo, bem como a atribuição de autoria nele registrada, não são, portanto, passíveis de documentação outra que não os próprios. Até que ponto isso é garantia de validade para o que ora se expõe... bem, esse julgamento fica a cargo do leitor.

Assim, este texto não se propõe ao rigor da análise ou ao espetáculo da originalidade. Trata-se tão somente de efeitos de certos modos de leitura aqui dispostos por escrito, e mesmo assim sem pretensões outras que falar do que foi falado por outros. Mera repetição, dirão alguns, ou talvez uma tentativa, deveras ingênua, de, ao repetir, escapar da autoria e manter-se à margem da obra.

Uma introdução

Em 1934, um grupo de matemáticos egressos da École Normale Supérieure decide escrever um tratado de matemática, considerando-a desde suas bases mais elementares e seguindo por todo o conhecimento no campo, sempre tomando como referência apenas o disposto anteriormente no próprio tratado. A unidade da matemática, portanto, respaldava o projeto.

Em 1990, cinco estudantes dos últimos períodos do curso de psicologia dão início ao desenvolvimento de uma teoria como crítica à imprecisão, simplificação e banalização de certos conceitos psicológicos, e às repercussões disso no ensino.

Antes, em 1969, *alguém* fez uma *apresentação oral*, posteriormente registrada em um *texto publicado*. Este texto foi *traduzido* em outras línguas e *reunido* com *outras produções* deste mesmo alguém.

Neste trabalho, partindo das considerações de Foucault a respeito das noções de autor e obra, pretende-se traçar um retorno aos processos de construção de Nicolas Bourbaki e Jérôme Jabin, seguir e desconstruir cada passo dado, sem jamais se pretender chegar ao mesmo ponto do qual partiram.

Autor e obra

O que foi grifado no terceiro parágrafo, acima, permite percorrer rapidamente o que aqui se propõe: abordar os efeitos envolvidos na escrita, tanto no que diz respeito às condições para sua consecução, como ao que dela decorre; os aspectos relacionados ao seu registro e a sua legitimação como escrito; a efetivação daquele que executa o ato de escrever como autor e os desdobramentos que se efetuam sobre outros escritos seus; enfim, uma discussão sobre as noções de autor e obra.

Convidado pela Sociedade Francesa de Filosofia, assim Foucault foi apresentado por Jean Wahl, dando o mote para o que aqui se pretende discutir: “Não vou apresentá-lo, é Michel Foucault ele próprio, o de “As Palavras e As Coisas”, o da tese sobre a loucura. Dou-lhe imediatamente a palavra” (FOUCAULT, 1992: 29).

Aquele que tem uma tese sobre um dado assunto e que três anos antes lançara um livro, ambos, tese e livro, merecedores de menção, dado vindos de quem vêm, ao mesmo tempo em que a ele próprio atribuem reconhecimento, àquele cabe, portanto, dar a palavra. E a ela não se furta, ainda que, em princípio, discretamente:

Clio-Psyché – Programa de estudos e pesquisas em História da Psicologia

Creio – sem estar, de resto, muito seguro – que é tradição trazer a esta Sociedade de Filosofia o resultado de trabalhos já acabados, para os propor à vossa apreciação e à vossa crítica. Infelizmente, receio que o que vos trago hoje seja demasiado insignificante para merecer a vossa atenção: é um projeto que gostaria de submeter à vossa opinião, um ensaio de análise de que ainda mal entrevejo as grandes linhas; mas pareceu-me que ao esforçar-me por traçá-las diante de vós, ao pedir-vos para as julgarem e rectificarem, estaria, tal como um neurótico, à procura de um duplo benefício: primeiro, o de subtrair os resultados de um trabalho que ainda não existe ao rigor as vossas objeções e, por outro lado, o de fazer usufruir, logo à nascença, não somente do vosso “apadrinhamento”, mas também das vossas sugestões (idem: 30).

O rigor das objeções, o julgamento e a retificação, contudo, parecem dados antes mesmo desta apreciação pública: “Se escolhi tratar esta questão talvez um pouco estranha foi, antes de mais, porque queria fazer uma certa crítica ao que noutros tempos me aconteceu escrever, corrigindo assim um certo número de imprudências que então cometi” (idem: 31).

Não sem antes descolar do que havia feito anteriormente algumas objeções por ele tidas como não pertinentes: em “As palavras e as Coisas”, não pretendia descrever ou desvelar a verdade do que haviam dito Buffon, Marx, Cuvier, Ricardo etc., nem classificá-los neste ou naquele tipo, e nem mesmo constituir alguma tipologia. Por outro lado, reconhece a pertinência da questão quanto ao porquê, naquele livro, do uso de nomes de autores ou da falta de definição ao fazê-lo, questão cujas implicações e conseqüências, ele antecipa, viriam a ser vistas em texto então por sair².

Se em “As Palavras e as Coisas” tratava-se das regras de formação de conceitos e teorias e das condições de funcionamento de

Mnemosine Vol. 1, n. 2 (2005) - Artigos

práticas discursivas específicas, no texto ora em discussão trata-se do autor.

A noção de autor constitui o momento forte da individualização na história das idéias, dos conhecimentos, das literaturas, na história da filosofia também, e na das ciências. Mesmo hoje, quando se faz a história de um conceito, de um gênero literário ou de um tipo de filosofia, creio que tais unidades continuam a ser consideradas como recortes relativamente fracos, secundários e sobrepostos em relação à unidade primeira, sólida e fundamental, que é a do autor e da obra (idem: 33).

Mas não é à toa que o texto se chama “O que é um Autor”, e não “O que é uma Obra” ou “O que é um Autor e uma Obra”. Embora em princípio intimamente relacionadas, as duas noções apresentam diferentes dificuldades na abordagem, com o que o próprio Foucault deixou de lado a segunda no que diz respeito a uma análise conjunta com a de autor:

Ora, é preciso levantar de imediato um problema; ‘O que é uma obra? Em que consiste essa curiosa unidade que designamos por obra? Uma obra não é o que escreveu aquele que se designa por autor?’ Vemos surgir as dificuldades. Se um indivíduo não fosse um autor, o que ele escreveu ou disse, o que ele deixou nos seus papéis, o que dele se herdou, poderia chamar-se uma ‘obra’? (...) Mas suponhamos que nos ocupamos de um autor: será que tudo o que ele escreveu ou disse, tudo o que ele deixou atrás de si, faz parte da sua obra? (...) A teoria da obra não existe, e os que ingenuamente empreendem a edição de obras completas sentem a falta dessa teoria e depressa seu trabalho empírico fica paralisado (...) Apercebemo-nos da crescente quantidade de questões que se põem a propósito da noção de obra. De tal forma que não basta afirmar: deixemos o escritor, deixemos o autor, e estudemos a obra em si mesma. A palavra ‘obra’ e a unidade que ela designa são provavelmente tão problemáticas como a individualidade do autor (idem: 37-39).

Na verdade, deixar de lado a noção de obra se refere mais propriamente a tomá-la como integrante no jogo de manutenção da existência do autor, “fazendo esquecer o que deveria ser evidenciado” (idem: 37), seu desaparecimento. Ele não nos incita aqui, fique bem claro, a dar ao autor o reconhecimento, no sentido da valorização, que lhe é devido, mas, ao contrário, a considerar seu efetivo sumiço a despeito da condição de seu privilegiamento, para o qual contribui, também, a noção de escrita. É ela que, ao transpor para “um anonimato transcendental os caracteres empíricos do autor”, acaba sendo pensada como ausência, levando à repetição do “princípio religioso da tradição” e do “princípio estético da sobrevivência da obra” (idem: 40).

Penso, portanto, que um tal uso da noção de escrita arrisca-se a manter os privilégios do autor sob a salvaguarda do “a priori”: ela faz subsistir, na luz cinzenta da neutralização, o jogo das representações que configuraram uma certa imagem do autor. O desaparecimento do autor, que desde Mallarmé é um acontecimento incessante, encontra-se submetido à clausura transcendental (idem: 41).

Longe de se limitar à afirmação de que o autor morreu, cabe, por outra, “localizar o espaço deixado vazio pelo desaparecimento do autor, seguir de perto a repartição das lacunas e das fissuras e perscrutar os espaços, as funções livres que esse desaparecimento deixa a descoberto” (idem: 41). O autor, portanto, não morreu pura e simplesmente, ele deixa, no rastro de seu desaparecimento, o que propriamente o efetiva como suposta presença: a função autor. Nela, Foucault identifica quatro traços característicos:

Resumi-los-ei assim: a função autor está ligada ao sistema jurídico e institucional que encerra, determina, articula o universo dos discursos; não exerce uniformemente e da mesma

maneira sobre todos os discursos, em todas as épocas e em todas as formas de civilização; não se define pela atribuição espontânea de um discurso ao seu produtor, mas através de uma série de operações específicas e complexas; não reenvia pura e simplesmente para um indivíduo real, podendo dar lugar a vários “eus” em, simultâneo, a várias posições-sujeitos que classes diferentes de indivíduos podem ocupar (idem: 56-57).

Do primeiro traço, depreende-se a circunscrição dos discursos, hoje, à lógica dos bens, passíveis, portanto, de apropriação. Esta apropriação funciona em dois sentidos: no da propriedade pelo autor, e, antes mesmo, no da apropriação deste pela via jurídica: ao se dar como "de alguém", uma produção remete ao efeito transgressor que a marcava antes como ato, e que, doravante, legitima a possível punição ao seu autor, reinocando à própria escrita a transgressão, agora como um princípio (idem: 47-48). À literatura, concebida como transgressora, se confere, também, uma outra inexorabilidade: a de ter um autor. E eis o segundo traço, a variação histórica da atribuição: se antes, alçando-se ao passado com os ditames de hoje, ao que poderia ser chamado de literário bastava a garantia da antiguidade, hoje a isso se requer um autor (idem: 48-50).

Se parece simples identificar os efeitos advindos da função autor, não o é sua formação. Ser constituído como autor não se dá a despeito daquilo de que se tem autoria: o objeto "autorado" requer operações específicas àquele que virá a se dar como seu autor, elas próprias variando de acordo com a época. Haveria, contudo, algo que não varia: as regras de construção. Esse seria o terceiro traço característico. Um exemplo: São Jerônimo, envolto na questão da autenticidade cristã dos textos, define quatro critérios – nível constante de valor; campo de coerência conceitual e teórica; unidade estilística; momento histórico – que, se não bastam

Clio-Psyché – Programa de estudos e pesquisas em História da Psicologia

mais para os exegetas de hoje, seriam, segundo Foucault, as vias pela quais a crítica põe em funcionamento a função autor. Haveria, portanto, uma derivação do modo de definição perpetrado pela crítica literária em relação à tradição cristã (idem:50-54).

Por fim, o quarto traço, que desfaz a idéia, que talvez ocorresse, de que o autor, entenda-se a função, estaria colado inexoravelmente ao escritor. Seguindo Foucault, considerem-se três elementos tomados segundo um pronome, "eu", por exemplo, cada um deles levando em conta, de diferentes formas, um texto, um tratado: o prefácio, a demonstração matemática, o comentário sobre. Para Foucault, nenhum destes três, em particular, garantiria a função autor, estando ela, na verdade, dando lugar à dispersão deles.

Dois anos depois, em “A Ordem do Discurso”³, Foucault, desdobrando a análise da função autor sobre a do controle dos discursos, aponta aquela, ao lado do comentário e da disciplina, como um dos princípios de classificação, ordenação e distribuição destes. No caso, a esta função caberia, na ordem do discurso, o princípio de agrupamento, a unidade e origem das significações e o foco de coerência (FOUCAULT, 1987: 24).

Neste mesmo texto, ainda que timidamente, novamente aparece a obra como elemento a considerar na análise junto à noção de autor, aproximando-as, sem identificá-las, ao ato da escrita: “Mas penso que – ao menos há um certo tempo – o indivíduo que se põe a escrever um texto, em cujo horizonte vislumbra uma possível obra, volta a assumir a função autor” (idem: 26)

Ainda que limitando sua análise à autoria de um texto, de um livro ou obra – em que pese apontar ser cabível sua análise também no

que diz respeito à pintura, à música, às técnicas, por exemplo –, Foucault desdobra o autor sobre uma teoria, uma tradição, uma disciplina, "no interior das quais outros livros e outros autores vão poder, por sua vez, tomar lugar" (FOUCAULT, 1992:57). Além desses autores em "posição transdiscursiva", outro tipo surge a partir do século XIX, diferente daqueles que fundam uma ciência, procedem a textos religiosos canônicos ou servem de modelo literário: são os fundadores de discursividade (idem). A diferença: o que produzem, como ato inaugural, não está no mesmo plano das possibilidades que gera, como no ato fundador de uma ciência; não vinculam o que produzem ao reforço de uma legitimidade anterior, como no caso da religião; suas produções não se prestam apenas como modelo original, a partir do qual derivam-se outras semelhantes que as têm como orientação. Em poucas palavras, se aquilo que produzem pode contemplar os efeitos advindos destas situações, não se esgota neles e é marcado, predominantemente, por gerar "a possibilidade e a regra de formação de outros textos" (p. 58), por possibilitar outras coisas diferentes de seus próprios textos.

Eles abriram o espaço para outra coisa diferente deles e que, no entanto, pertence ao que eles fundaram. Dizer que Freud fundou a psicanálise não quer dizer (não quer simplesmente dizer) que encontramos o conceito da libido ou a técnica de análise dos sonhos em Abraham ou Mélanie Klein, quer dizer que Freud tornou possível um certo número de diferenças relativamente a seus textos, aos seus conceitos, às suas hipóteses que relevam do próprio discurso psicanalítico (idem:60).

Situados a partir do século XIX, Foucault cita Marx e Freud como os primeiros e mais importantes fundadores de discursividade

(idem:59). A partir de um texto anterior, contudo, um terceiro parece poder ser aqui incluído.

Em *Nietzsche, Freud e Marx*⁴, Foucault apresenta uma discussão sobre as técnicas de interpretação. Para ele, desde os gregos duas suspeitas foram produzidas pela linguagem, e ainda hoje permanecem: haveria algo de não dito naquilo que se diz, e outras coisas falam que não aquelas calcadas na forma verbal. Portanto, o essencial estaria sob as palavras (FOUCAULT, 1987:14-15). Remontando ao século XVI, afirma que o que então dava lugar à interpretação era a semelhança. A partir do século XIX, porém, Marx, Nietzsche e Freud trouxeram um outro modo de interpretar, fundamentaram uma hermenêutica, e as técnicas daí advindas nos levam à interpretação de nós mesmos. É essa necessidade de se colocar ao mesmo tempo como intérprete e interpretado que caracteriza a discursividade fundada por eles.

Interrogo-me se não se poderia afirmar que Freud, Nietzsche e Marx, ao envolverem-nos numa interpretação que se vira sempre para si própria, não tenham constituído pra nós e para os que nos rodeiam, espelhos que nos reflitam imagens cujas feridas inextinguíveis formam o nosso narcisismo de hoje (idem:17).

Além da inclusão de Nietzsche entre aqueles que viria a denominar como fundadores de discursividade⁵, este texto remeteria a um aspecto da discursividade ora em voga: não se trata de uma multiplicidade de símbolos, nem da instauração de novos sentidos, mas sim de uma modificação da natureza daqueles e da forma de interpretá-los (idem:18), que implica na restituição da exterioridade como seu espaço de disposição e na irredutibilidade de sua amplitude e abertura (idem:18-20). Há um deslocamento radical do significado para o ato mesmo de interpretar, e a

interpretação, necessariamente tomada ao infinito, guarda em si um ponto de ruptura, no qual ela e o intérprete podem vir a desaparecer. Aqui, não é sem propósito a alusão à loucura.

Essa simultaneidade intérprete-interpretado remete à experiência da linguagem, sobre a qual Foucault discorre em “O Pensamento do Fora”⁶, de 1966, no qual aponta o que pode ser tomado como um outro aspecto dessa discursividade ocidental que então se funda: um certo despojar-se do perigo da experiência da linguagem.

A palavra da palavra nos conduz pela literatura, mas talvez também por outros caminhos, a esse exterior de onde desaparece o sujeito do qual se fala. Sem dúvida, é por esta razão pela qual a reflexão ocidental não se decidiu durante tanto tempo em pensar o ser da linguagem: como se pressentira o perigo que faria correr a evidência do ‘existo’ a experiência nua da linguagem (FOUCAULT, 1990:15).

Ora, mas e a obra nisso tudo? De fato, as dificuldades em tratá-la, apontadas pelo próprio Foucault, acabam por fazer da consideração da noção de autor uma ênfase. Porém, eis que, na distinção entre ciência e discursividade, é ela que surge com algum vigor. Vejamos.

Para Foucault, o que caracterizaria a fundação de uma ciência é a continuidade de plano entre o ato que a funda e as transformações daí advindas, seja ele tomado como um caso particular do que então se passa a considerar uma ciência, seja um rompante empírico ou intuitivo a ser efetivamente formalizado, seja, enfim, uma precipitação, cujo domínio deve ainda ser demarcado (FOUCAULT, 1992:61). As proposições dos fundadores de uma cientificidade têm, assim, sua validade em compasso de espera com a estruturação da ciência. Já no caso da discursividade, não se pretende que seu decurso constate para o ato de fundação uma

generalidade doravante devida. As proposições de seus fundadores se restringem em número àquelas sujeitas à derivação, não cabendo, portanto, o critério de falsidade, quando muito o de não ser pertinente ou essencial ou de ser relativo a outras discursividades, e mesmo assim sem pretensões de validação (idem: 62). E esta derivação não é do mesmo (repetição), nem parcial (algo que seja aproveitável, cabível, portanto, de atender a algum critério de legitimidade), nem em direção a um todo completo, mas sim de possibilidades. Tem-se, enfim, que aquilo que fundam, a discursividade, é tomada em relação ao que produziram: sua obra é, portanto, conforme expressão do próprio Foucault, “uma primeira coordenada” (idem:63).

Feitas estas considerações a respeito das noções de autor e obra em Foucault, perpassadas pela de discurso, seguem-se dois relatos cuja leitura se pretende que ocorra à luz do exposto até aqui. A prevalência da escrita, e do dito em escrita, tal qual no *que* é relatado, remete diretamente ao efeito do ato de escrever que se pretende expor. Referências conceituais serão, portanto, deixadas como subentendidas, deixando ao leitor seu nexos... ou não.

Nicolas Bourbaki

O brilhante percurso traçado já no secundário não poderia mesmo deixar de se seguir por igual brilhantismo na universidade. Graduado em Karkov, na Poldovia, sua terra natal, Bourbaki obtém uma bolsa para estudar com ninguém menos que Poincaré, em Paris, e Hilbert, em Göttingen. De volta a Kharkov, defende sua tese em 1910 e é nomeado docente da universidade de Dorpat em 1913. Casa-se em 1915 e desta união nasce Betti, sua única filha, que viria a se casar em 1938 com o caçador de leões H. Pétard⁷.

Entre os integrantes de um grupo de cerca de dez estudantes que se mantiveram próximos após a graduação na ENS - École Normale Supérieure estavam Henri Cartan e André Weil, professores assistentes na Universidade de Estrasburgo e com severas críticas ao livro de Edouard Goursat “Traité d'Analyse”, de 1902, então tomado como referência e por eles considerado inadequado. No inverno de 1934, Weil resolve reunir amigos igualmente egressos da ENS com fins de substituir aquele livro por outro, escrito por eles, sem pretender algo propriamente novo, mas apenas aperfeiçoar a formalização e a apresentação do que era até então sabido na matemática, partindo do início e abarcando todo o conteúdo essencial da matemática. Assim concebido, o livro seria útil em vários campos da matemática. Sob um outro ponto de vista, pode-se dizer que desde o início o objetivo era obter *a partir da escrita* um efeito no campo da matemática. Esse foi o mote para a concepção de Bourbaki.

Após reuniões iniciais no Quartier Latin, café Capoulade, o grupo de matemáticos começa a escrever, sob o pseudônimo de Nicolas Bourbaki, o que viriam a intitular, em 1938, *Éléments de mathématique*, hoje totalizando cerca de quarenta volumes, o uso do singular ‘matemática’ remetendo à unidade entendida por eles como necessária. Como base, o pensamento formalista de Hilbert. A necessidade de reuniões sistemáticas para a realização do projeto fez com que, a partir de 1935, passassem a se reunir no que denominaram “Congressos”, o primeiro deles acontecendo em julho, na Universidade de Clermont, em Besse-en-Chandesse. Acreditavam, então, que três anos seriam suficientes para um rascunho do livro. Contudo, quatro anos se passaram até que o primeiro capítulo, apenas, ficasse pronto.



O primeiro Congresso, em julho de 1935. Da esquerda para a direita: Henri Cartan, René de Possel, Jean Dieudonné, André Weil, um técnico da universidade, em pé; Mirlès, Claude Chevalley, Szolem Mandelbrojt, sentados.



Congresso Bourbaki em 1938. Da esquerda para a direita, Simone Weil, C. Pisot, Andre Weil, Jean Dieudonné, C. Chabauty, Charles Ehresmann, Jean Delsarte.

Hoje em dia, a *Associação dos Colaboradores de Nicolas Bourbaki*⁸ mantém as atividades do grupo, realizando Seminários Internacionais três vezes ao ano, reunindo matemáticos em torno de tópicos previamente escolhidos por ela.

Efeitos da guerra

Na década de 30, o legado da I Guerra Mundial à ENS foi desastroso: o *front* havia levado dois terços do alunado da École (Dieudonné, *apud* RICHER), entre os quais promissores estudantes franceses. Os estudantes de então, órfãos de jovens professores, perderam contato com descobertas e avanços na matemática. Henri Cartan afirma: “Nós fomos a primeira geração depois da guerra. Antes de nós havia um vazio, um vácuo, e era necessário fazer tudo de novo” (Jackson, *apud* RICHER).

Não era, portanto, uma questão de qualidade do ensino, mas de o que ensinar. Jean Dieudonné explica:

*Não estou dizendo que [os professores mais velhos] não nos ensinavam uma excelente matemática (...) Mas não há dúvidas de que um matemático de mais de cinquenta anos conhece a matemática que ele aprendeu há vinte ou trinta anos, mas tem apenas noções, invariavelmente vagas, da matemática de sua época, ou seja, do momento em que tem cinquenta anos (Dieudonné, *apud* RICHER).*

De um fato aparentemente pontual – a utilização de um livro considerado inadequado –, passando pelas circunstâncias do pós-guerra – os efeitos junto ao alunado da ENS –, chega-se a uma crítica ao modo então vigente de organização da matemática, notadamente sua divisão em matemáticas, análoga às antigas divisões zoológicas obtidas a partir de

sucedidas identificações de similaridades. A observação de Dieudonné dá bem o tom pragmático dessa tarefa de conferir uma unidade à matemática:

Eis minha imagem da matemática atualmente. É uma bola de lã, um novelo embaraçado onde todas as matemáticas reagem umas sobre as outras de forma quase imprevisível. E nesta bola de lã, há certo número de fios saindo em todas as direções e não se conectando com nenhum outro. Bem, o método de Bourbaki é muito simples: cortamos os fios (idem, idem).

A crença em uma unidade da matemática, portanto, sustenta os objetivos da proposta. Não é de estranhar, assim, que tenha sido escolhida a teoria dos conjuntos para início dos *elementos de matemática*, na forma de um primeiro livro de uma série prevista de seis. Fundamentando a execução do projeto, a não admissão de pressupostos implícitos, a coerência e a cobertura progressiva do conjunto das "matemáticas", consideradas simplesmente *a matemática*. Daí decorre uma crítica ao especialismo, que compõe um dos motes do funcionamento dos Congressos através da fórmula “controle dos especialistas pelos não-especialistas”.

A ordem na qual nós (Bourbaki) ordenamos nossos temas foi decidida de acordo com um esquema lógico e racional. Se isso não está de acordo com o que foi feito antes, bem, isso significa que o que foi feito antes tem que ser abandonado (idem, idem).

A convicção da afirmação não sem razão apresenta ares pretensiosos, que os mais de trinta anos desde a criação do grupo até tal declaração sustentam.

Para a consecução do projeto, foram excluídos do que se considerava como conteúdo da matemática uma série de tópicos, e

mantidos outros tantos. Entre estes últimos, a geometria de Riemman, exemplo de outro aspecto a ser respeitado: o apoio nas regras da lógica, e a conseqüente ausência de referência intuitiva ao real, conformando, para a matemática, uma sistematização das relações entre as diversas teorias, uma clara influência do método axiomático, base do formalismo proposto por Hilbert em 1899, tornando os escritos de Bourbaki uma espécie de “gramática do discurso matemático”. Como conseqüência, a recorrência a uma codificação particular e o estabelecimento de uma terminologia comum às diversas teorias, implicando na rígida estrutura do texto bourbakiano.

A escolha do título *Éléments de Mathématique* não pode deixar de ser vista como alusão a Euclides e seus *Elementos*. Porém, não no sentido de uma homenagem com fins de continuidade, dada a perspectiva “conservadora” que já então pesava sobre o pensamento de Euclides – e a proposta do grupo era evidentemente contestatória do modo vigente de estruturação da matemática⁹. Bem o demonstra a escolha da geometria de Riemann (uma geometria não-euclideana) como um dos conteúdos a ser mantido entre os *Éléments*. Assim se refere o matemático e escritor François Le Lionnais:

Fez-se uma escolha bastante severa entre as teorias matemáticas existentes, seguindo a diretriz de que as teorias mantidas devem: 1) ser úteis em um maior número possível de casos; 2) ser o mais geral possível, o que supõe a teoria reduzida a sua essência abstrata (ainda que a abstração não seja buscada em si, mas sempre em função das aplicações em vista). Trata-se, em suma, de ensinar aos jovens matemáticos, pelos meios mais rápidos, o manejo de ferramentas essenciais a sua técnica¹⁰.

As intenções do grupo não remetem a uma revolução do conhecimento matemático, a descobertas inovadoras, mas sim a resultados

no plano de organização e elaboração do conhecimento matemático. Ou seja, descartados os objetivos enciclopédicos, estavam interessados nas condições de estruturação do campo, e as conseqüências para as possibilidades de ensino da matemática.

A afirmação de Dieudonné quanto ao desconhecimento que matemáticos acima de cinquenta anos teriam da matemática atual ganha ares de axioma em uma regra fundamental do grupo: todos deveriam se aposentar, como colaboradores, ao atingir tal idade¹¹. A explicação dada por Dieudonné é simples, na forma de uma demonstração:

Se a matemática demonstrada por Bourbaki não mais corresponder à tendência do período, o trabalho se torna inútil e deve ser refeito. É por isso que decidimos que todo colaborador de Bourbaki deve se aposentar aos cinquenta anos (Dieudonné, apud RICHER)

Na foto do primeiro Congresso, além de Henri Cartan, André Weil, Jean Dieudonné e Claude Chevalley, aparecem René de Possel, Mirlès e Szolem Mandelbrojt. Pelo próprio caráter da reunião – o primeiro Congresso –, seria de se esperar que pelo menos todos estes fossem considerados os criadores de Bourbaki. De fato, segundo o *site* oficial dos Colaboradores de Nicolas Bourbaki, os membros fundadores do grupo são Henri Cartan, Claude Chevalley, Jean Coulomb, Jean Delsarte – este não aparecendo na foto do primeiro Congresso –, Jean Dieudonné, Charles Ehresmann, René de Possel, Szolem Mandelbrojt, André Weil. Invariavelmente, contudo, mencionam-se aqueles cinco primeiros¹² como os fundadores, ainda que se aluda, sem maior precisão, aos "integrantes iniciais do grupo", aos "membros fundadores de Bourbaki" etc., dando margem a que se reconheçam, como naquele *site*,

que outros tenham efetivamente participado na criação. Note-se, ainda, que em um chiste¹³ de 1968 comunicando o falecimento de Bourbaki, em 11 de novembro, aparecem Cantor, Hilbert e Noether (matemáticos que influenciaram o pensamento de Bourbaki) como pais, e Cartan, Weil, Dieudonné e Chevalley como irmãos. Delsarte não aparece provavelmente por ter falecido naquele mesmo ano. Esta confusão se estende para os membros colaboradores ao longo dos anos. Pierre Cartier, em uma entrevista a M. Senechal em 1998, apresenta uma lista com membros de três gerações de Bourbaki, ele próprio incluído na terceira (Senechal *apud* RICHER).

1ª geração (membros fundadores)	2ª geração (após II Guerra Mundial)	3ª geração
Henri Cartan	J. Dixmier	Armand Borel
Charles Chevalley	Roger Godement	F. Bruhat
Jean Delsarte	Samuel Eilenberg	Pierre Cartier
Jean Dieudonné	J. L. Koszul	Alexander Grothendieck
André Weil	Pierre Samuel	Serge Lang
	Jean-Pierre Serre	J. Tate
	Laurent Schwartz	

Ainda que seja a lista de um membro oficial, também aparecem como fundadores apenas os cinco mais citados, diferentemente, portanto, do *site* oficial, hospedado, aliás, pela École Normale Supérieure. Borel, também membro da terceira geração, mantém o afirmado por seu colega, porém, ainda que reticente, dá aparentes motivos para a preponderância deste cinco como fundadores:

Eu não pretendo dar detalhes a respeito disso [dos fundadores]. Deixe-me simplesmente mencionar que os

Clio-Psyché – Programa de estudos e pesquisas em História da Psicologia

verdadeiros “pais fundadores”, aqueles que configuraram Bourbaki e deram a ele muito de seu tempo e pensamento até a aposentadoria, são Henri Cartan, Claude Chevalley, Jean Delsarte, Jean Dieudonné e André Weil (BOREL).

A partir da segunda geração, não parece haver maiores dúvidas quanto aos membros, escolhidos e convidados pelos fundadores, cuja atuação em universidades permitia identificar promissores estudantes ou mesmo colegas que pudessem ser de interesse para o grupo, constituindo boa fonte de recrutamento. Não havia substituição formal de colaboradores, nem número pré-determinado de membros, a entrada de novos acontecendo de acordo com a necessidade observada. Isto ocorrendo, era feito o convite para participação de um Congresso, quando seria levada em conta a compreensão demonstrada pelo convidado, sua participação, interesse e capacidade de se adaptar ao modo de funcionamento do grupo. Vale registrar, nas palavras de Dieudonné, a reação de alguns convidados:

*Alguns de fora, convidados como expectadores dos encontros de Bourbaki, sempre saíam com a impressão de que era um bando de loucos. Eles não podiam imaginar como aquelas pessoas, gritando – às vezes três ou quatro ao mesmo tempo –, poderiam chegar a algo inteligente (Dieudonné, *apud* BOREL).*

É nessa mesma direção que vão os comentários de Weil:

Em um encontro do grupo, nunca havia um presidente. Qualquer um falava o que quisesse e todos tinham o direito de interromper. (...) O caráter anárquico dessas discussões foi mantido ao longo da existência do grupo. (...) Em uma boa organização seria sem dúvida necessário que todos assinassem um tópico ou capítulo, mas a idéia de fazer isso jamais nos

Mnemosine Vol. 1, n. 2 (2005) - Artigos

ocorreu. (...) O que foi aprendido concretamente dessa experiência é que todo esforço de organização teria terminado em um acordo como outro qualquer (Weil, apud BOREL).

Não ser aceito significava não ser convidado novamente, da mesma forma que o aceite implicava em um novo convite. A integração ao grupo se dava gradualmente, sem qualquer anúncio oficial.

Origem do nome

A origem do nome é atravessada por dúvidas em função de diferentes versões divulgadas. Em uma delas, ela se deveria a uma peça pregada em 1880 por um aluno da ENS, nomeando-se como Claude Bourbaki, um General em visita à escola¹⁴. Em outra, a escolha teria ocorrido em homenagem ao General Charles-Denis Sauter Bourbaki, que havia lutado na guerra da Criméia (Halmos, *apud* BOMBAL). A versão apresentada por Weil (*apud* BOMBAL), até pela autoridade por ele portada, parece ser a mais correta, dela derivando as outras¹⁵.

André Weil conta que ele, Delsarte e Cartan, quando ainda estudantes do primeiro ano da ENS, foram comunicados sobre a vinda de um palestrante, sendo fortemente recomendada a participação. Tratava-se, na verdade, de Raoul Husson, um aluno mais velho, disfarçado com barba postiça e pronúncia irreconhecível, que proferiu uma palestra incompreensível. Ao fim, apresentou o que ele chamou de Teorema de Bourbaki, nome provavelmente tomado emprestado àquele mesmo general da guerra Franco-prussiana. Anos depois, um amigo de Weil, a quem este havia contado a história, assinou com o nome de Bourbaki uma nota publicada nos Anais de uma Academia da Índia. Foi essa atitude que

Clio-Psyché – Programa de estudos e pesquisas em História da Psicologia

teria inspirado os membros do grupo, que sentiam, em 1935, a necessidade de estabelecer a existência de um autor para o projeto. Esta "vida" seria inclusive firmada com a publicação de um trabalho na Academia de Ciências, para o qual foi também elaborada uma pequena biografia (Weil, *apud* BOMBAL)¹⁶. A escolha do nome 'Nicolas' é atribuída a Eveline, futura esposa de Weil.

O tom de aparente mera brincadeira se esgota, não bastassem as pretensões intelectuais da proposta, nas regras de funcionamento e de integração do grupo. Fora a aposentadoria do grupo aos cinquenta anos, retomando simbolicamente o limite para o qual ainda seria possível lecionar de modo adequado – ou seja, manter-se atualizado –, era obrigatório o anonimato, e, talvez o mais difícil, suportar o clima em que se davam as discussões.

Escrita dos livros

Os congressos, espaço privilegiado para surgimento das idéias (temas a se discutir, organização dos livros, leitura e discussão dos rascunhos etc.), aconteciam três vezes ao ano, duas ao longo de uma semana e uma durante outras duas. A regra principal para aprovação dos escritos era a unanimidade em todos os pontos, ou seja, qualquer membro tinha direito a veto daquilo que considerasse inadequado ou imperfeito. Uma vez escolhido um tópico para um capítulo, um rascunho, a ser apresentado em voz alta, linha por linha, no congresso seguinte, seria escrito por um membro especialista no assunto tratado. A apresentação poderia ser interrompida por qualquer membro, a qualquer momento, para crítica, comentário ou questionamento. O confronto, portanto, era preferido à discussão ordenada (BOREL), e dava o tom da emergência de

Mnemosine Vol. 1, n. 2 (2005) - Artigos

novas idéias no grupo. Essa necessária suportabilidade a um modo de funcionamento bastante particular perfaz-se como condição da possibilidade de circulação no campo discursivo em pauta.

Tendo sido dissecado o primeiro rascunho, uma segunda versão seria escrita por outro colaborador, utilizando as sugestões e mudanças propostas. Mesmo assim, seu rascunho poderia ser deixado de lado. Com isso, vários rascunhos poderiam ser escritos para um capítulo até sua aprovação final para publicação, fazendo com que houvesse uma média entre 8 e 12 anos desde a definição por um tópico e sua aparição em livro (Dieudonné, *apud* RICHER).

O projeto inicial consistiu em 6 livros, divididos em numerosos fascículos, como eram chamados os tomos de cada livro, e capítulos¹⁷. São eles:

- Livro I: Teoria dos Conjuntos
- Livro II: Álgebra
- Livro III: Topologia Geral
- Livro IV: Funções de uma variável real
- Livro V: Espaços vetoriais topológicos
- Livro VI: Integração

Cada fascículo se iniciava com um “como usar”:

*O tratado toma a matemática desde seu início, e dá demonstrações completas. Sua leitura não supõe, então, em princípio, nenhum conhecimento matemático particular, mas somente um certo hábito com o raciocínio matemático e um certo poder de abstração*¹⁸.

Assim proposta a redação dos livros, resulta daí a possibilidade de acesso a qualquer um, guardadas as devidas limitações, e, em

consequência, a quebra de uma certa lógica em defesa dos especialismos, reforçando o lema “controle dos especialistas pelos não-especialistas”. Contudo, isso não significa que o objetivo era a generalidade: “Contrariamente a minha primeira impressão em Zurique, o alvo do tratado não era a máxima generalidade, mas sim a mais eficiente, a mais apropriada para dar conta das necessidades de usuários potenciais em várias áreas” (BOREL).

Havia, assim, a preocupação de investir em tópicos que pudessem, o mais efetivamente possível, ser aplicados, descartando aqueles que se mantivessem restritos aos desejos dos especialistas. Contudo, essa aplicação deveria se referir ao campo da matemática: Bourbaki não era afeito à matemática aplicada, como mostrado mais adiante.

A primeira publicação ocorreu em 1939, com o fascículo de resultados sobre teoria dos conjuntos, seguido, já nos anos quarenta, pelo livro sobre topologia e três volumes de álgebra. O impacto e o sucesso das publicações trouxe uma série de contribuições no campo da matemática, algumas de uso corrente ainda hoje¹⁹.

A restrição ao Congresso como momento de produção da obra de Bourbaki fez com que ela própria, e mesmo o grupo, ficassem fora do contato com o “mundo externo”. Muitos anos se passaram até que algum membro concordasse em falar publicamente sobre essa história, apesar de mesmo antes não se conseguir manter o completo anonimato (RICHER). Talvez por isso haja tantas imprecisões quanto aos fundadores do grupo e à origem do nome, conforme já dito anteriormente. Essa não sustentabilidade do anonimato, ainda que sua quebra tenha se dado de forma não intencional, remete à circunscrição involuntária de Bourbaki à

função autor, e de seus escritos, ao plano da obra. Por outro lado, este mesmo anonimato é o que garante para os colaboradores a possibilidade de herdar os efeitos da função autor exercida através de Bourbaki, constituindo-se, eles próprios, em "autores de carne e osso" daquilo que escreviam em suas vidas de matemáticos, professores e pesquisadores. Portanto, a despeito de o anonimato e o pseudônimo terem como objetivo garantir que não houvesse proveito pessoal para os colaboradores, a realidade se mostrava bem acima dos princípios bourbakianos.

Os livros de Bourbaki apresentam uma estrutura bastante rígida, para a qual se faz uso de um conjunto de notações, em uma apresentação axiomática fortemente influenciada por Hilbert e seu pensamento formalista. O conteúdo apresentado em seus livros segue uma organização absolutamente linear, de modo que toda e qualquer referência a partir de um dado item só pode ser feita a um item apresentado anteriormente, no mesmo livro ou em livro anterior de Bourbaki. A lógica prevalente, portanto, é a de se estar sempre em um percurso que vai do geral para o particular, reforçando a pretendida unidade na matemática. A eficiência na escrita supera o estilo e ao leitor resta o acompanhamento lógico do texto no lugar da sedução pelas palavras. O texto bourbakiano é bastante trabalhado, a ponto de Chevalley afirmar que "bourbakisar" significa tomar um texto considerado torcido, arranjá-lo e melhorá-lo, resultando no que chama de "uma noção de estrutura verdadeiramente bourbakiana". (Guedj, *apud* RICHER)

Borel, relatando sua impressão como leitor dos livros de Bourbaki, antes, portanto, de vir a integrar o grupo, diz:

Eu os lia e aprendia com eles, especialmente 'Álgebra Multilinear', para o qual não havia equivalente, mas com

algumas reservas. Eu ficava desconcertado com o estilo bastante seco, sem qualquer concessão ao leitor, o aparente empenho pela máxima generalidade, o inflexível sistema de referência e a total falta de exterioridade (exceto nas notas históricas). Para muitos, este estilo de exposição representou uma alarmante tendência na matemática, rumo à generalidade em si, distante de problemas específicos (BOREL).

O estilo pouco atraente definitivamente não era problema para os membros de Bourbaki, para os quais o valor de seus escritos deveria estar:

*Sempre tivemos muito claro que ninguém estava obrigado a ler Bourbaki. Acreditávamos sinceramente que se alcançássemos o sucesso seria somente pelo valor intrínseco de nosso texto e não sua leitura não se converteria em uma obrigação, como parece que é agora (Chevalley, *apud* BOMBAL).*

Além da rigidez na estrutura, outras características e princípios da escrita bourbakiana apontam dificuldades para a publicação dos livros.

Como se não bastassem as discussões para definição dos tópicos a desenvolver, a cada congresso era feita a leitura de um único rascunho. Mesmo que tal leitura fosse concluída, as propostas resultantes poderiam implicar em outros rascunhos, outras leituras, portanto, outros Congressos. Além disso, todos pretendiam tomar parte em tudo, conferindo o ar turbulento característico das discussões. Por fim, a unanimidade, requisito básico para aprovação de um tópico ou texto, fazia com que qualquer coisa pudesse ser desaprovada por qualquer um, a despeito de toda discussão que tivesse ocorrido. Evidentemente, mesmo aceita a restrição, isso não se dava de forma serena, sendo bastante cabível a idéia de um veto do veto e as discussões decorrentes. Toda proposição, portanto, era passível de ataque, a despeito da relação de amizade que envolvia o grupo.

Assim, por mais que houvesse uma organização para os congressos, ela acabava sucumbindo aos próprios princípios que efetivamente conduziam o funcionamento do grupo. A bem da verdade, como já visto anteriormente, este efeito de aparente desorganização é que se constituía no *modus operandi* bourbakiano.

O primeiro [rascunho] era escrito por um especialista, mas qualquer um poderia pedir para escrever o seguinte. Em geral, dificilmente isso era proveitoso. Bourbaki poderia sempre mudar de idéia. Um rascunho poderia ser rasgado e um novo proposto. A próxima versão seguindo as instruções, poderia não sair muito melhor, e Bourbaki poderia optar por uma outra tentativa ou mesmo decidir que o antigo era preferível a todos os outros, e assim em diante (BOREL).

Apesar de tudo, os volumes ficavam prontos e eram publicados, um mistério até mesmo para os fundadores (Cartan, *apud* BOREL). Borel apresenta duas razões para isso. Antes de tudo, a despeito do quanto fosse difícil atingir os objetivos pretendidos, a crença no mérito de tal empreendimento estabeleceu um firme compromisso entre os membros do grupo, suficiente para fazê-los dirigir seus esforços. Além disso, a mínima possibilidade de organização foi obtida a partir da eficiência de Dieudonné, que, segundo Borel, teria escrito mais do que dois ou três membros juntos.

Os escritores de carne e osso

Os escritos de Bourbaki apresentam uma uniformidade de estilo cujo efeito é o da desindividualização: não sendo possível distinguir variações na escrita, cumpre-se o objetivo de não atribuir créditos pessoais no resultado. Isso só foi possível certamente devida à atuação de

Dieudonné. Porém, não era o seu estilo emprestado a Bourbaki, mas sim uma outra configuração de escrita, que seguia a rigidez necessária para o desenho do projeto. Entre os membros fundadores, o único que parecia chegar mais próximo ao estilo do próprio Bourbaki era Chevalley. Porém, nem assim ele poderia ser chamado de "o" Bourbaki: sua austeridade na escrita, mesclada a uma certa abstração excessiva, fez com que alguns rascunhos seus fossem rejeitados. A aproximá-los, apenas a caracterização atribuída por Weil a um livro de Chevalley, "severamente desumanizado", isso se se considerar Bourbaki como não humano... (Weil, *apud* BOREL)

Aliás, Weil, irmão igualmente famoso, em outro campo, de Simone Weil, era quem tinha maior domínio sobre o plano da obra de Bourbaki, conseguindo, tal qual Chevalley, ter mais facilmente interesse por um variado espectro de tópicos da matemática. Para os outros membros, essa necessidade tornava a participação no grupo uma forma de aprendizado, como bem o diz Cartan: "O trabalho em comum com homens de diferentes características, com forte personalidade, movidos por uma exigência comum de perfeição, muito me ensinou, e eu devo a esses amigos por grande parte de minha cultura matemática" (Cartan, *apud* BOREL).

Esse tom, na aparência demasiado respeitoso, encobre, na verdade, a atuação daquele que foi tomado como a encarnação de Bourbaki. A despeito de suas atividades administrativas e de docência na ENS, ele foi surpreendentemente produtivo na obra de Bourbaki e em colaboração com outros matemáticos. Bem dentro do espírito bourbakiano, sua produção pessoal não é marcada por novas idéias, o que gerou comentários como o de Serre, membro da segunda geração: "Bem,

vinte anos deixando o tempo passar com Bourbaki, não passa disso"²⁰. Por outro lado, Bott disse a respeito de Cartan: "Ele é nosso verdadeiro professor" (Bott, *apud* BOREL). De qualquer forma, fica expresso o quanto integrar o grupo trouxe efeitos bastante proveitosos aos integrantes.

Até mesmo para Dieudonné, considerado "o escriba de Bourbaki", a experiência junto ao grupo foi pessoalmente proveitosa: "Em minha experiência pessoal, creio que se eu não tivesse me entregue à obrigação de rascunhar questões, nunca teria feito um quarto ou mesmo um décimo do que fiz na matemática". (Dieudonné, *apud* BOREL)

Não por acaso a produção de Dieudonné contemple livros sobre análise, seguindo, também em seu projeto pessoal, as diretrizes de Bourbaki. De qualquer forma, o efeito de formação junto aos próprios colaboradores apenas tangenciava os objetivos do grupo, nada mais sendo do que resultado do mote "controle dos especialistas pelos não-especialistas".

Vê-se, portanto, que paralela à atividade de escrita dos livros havia também uma produção de pesquisa, de cunho pessoal, não referente, nominalmente, ao grupo. Pela característica básica dos *Éléments* (percorrer a matemática em etapas sucessivas e linearmente amarradas), é fácil depreender que a escrita dos livros (Bourbaki, *apud* Borel) dava uma base material para a execução das pesquisas, ou seja, os desdobramentos que não correspondiam ao andamento previsto para o Tratado ficavam por conta e crédito da atividade pessoal, ainda que tratassem de assuntos correlatos ao projeto, como no caso de Dieudonné. Particularmente nos anos cinquenta, tanto uma atividade quanto à outra foram bastante influentes no cenário da matemática.

É o que exemplifica o convite a Malgrange e Jacques-Louis Lions, alunos de Laurent Schwartz, membro da segunda geração, para trabalhar na Universidade de Maryland, em 1957, feito por Alexander Weinstein, que se considerava "livre de Bourbaki" na área de análise até dois anos antes (BOREL). O anonimato não era tão depositário do não proveito pessoal como se pretendia...

Novos tempos...

Próximo à época em que os membros fundadores deveriam se aposentar, os seis livros previstos inicialmente já estavam publicados, cobrindo os tópicos básicos da matemática. Restavam, assim, os tópicos mais especializados, para os quais a máxima "o controle dos especialistas pelos não-especialistas" ficava dificultada pela extremamente estruturada escrita bourbakiana (BOREL). Ainda assim, dois outros livros foram publicados. Diante disso, Borel afirma que se fazia necessária a revisão de alguns princípios.

A ordenação linear e o rígido sistema de referências passaram a ser um entrave uma vez que um farto conjunto de outras publicações passou a existir, seguindo o jeito bourbakianno de escrita e organização, tanto de autores influenciados por Bourbaki, quanto dos próprios colaboradores em produções pessoais. Um impasse se colocava: negar tal realidade implicaria em uma duplicação de esforços para atingir os mesmos objetivos; por outro lado, admiti-la poderia significar a perda de autonomia, de alguma forma a escrita de Bourbaki passando a ser regida pela produção geral no campo da matemática. Embora Borel não se refira a isso, pode-se concluir que passaria a haver também uma restrição de

cunho editorial na medida em que aquela “originalidade” bourbakiana fosse deixada de lado e substituída pela referência a outras obras.

Outro aspecto a ser repensado era o interesse de todos por tudo. Enquanto o foco eram os tópicos básicos da matemática, não era difícil sustentar este princípio, o mesmo não ocorrendo quando o objetivo passou a ser desenvolver os especializados.

Borel identifica duas tendências para solução desse impasse: a idealista, mantendo o modo autônomo de produção; e a pragmática, desenvolvendo tópicos de interesse ainda que suas bases não tenham sido apresentadas por Bourbaki a partir da generalidade até então considerada necessária, permitindo uma maior abrangência de áreas em um tempo finito. Para exemplificar, relata três situações vividas pelo grupo.

No Congresso de 1957, Grothendieck – colaborador da terceira geração, que nos anos cinquenta também foi tomado como encarnação de Bourbaki – objeta contra uma determinada proposta de livro e contrapõe três outros, o segundo subdividido em seis capítulos, baseando-se no princípio de estabelecer as bases para os assuntos pretendidos. Para o terceiro, que ainda viria a ser planejado, apresentou posteriormente o rascunho de dois capítulos. A digressão, no presente caso, parecia, contudo, infinita:

*Contudo, era bastante claro que se nós seguíssimos nessa direção, poderíamos ficar atolados com os fundamentos por muitos anos, com resultados incertos. Concebido tão amplamente, seu plano objetivava fornecer fundamentos não apenas para a matemática atual, como no caso dos *Éléments*, mas para tantos desenvolvimentos futuros quanto pudessem ser previstos. Se o rótulo ‘capítulo zero’ fosse uma indicação, poderíamos temer que a numeração seguisse na ordem ‘capítulo -1’, ‘capítulo -2’, sendo necessário dar fundamentos para os fundamentos (BOREL).*

A “solução” tomada foi apresentar um fascículo de resultados relacionados ao tema proposto por Grothendieck.

No ano seguinte, ocorreu um problema relacionado ao encaminhamento dado ao projeto, desta feita em relação a acréscimos aos *Éléments*. Um complemento a um dos seis primeiros livros estava concluído, porém, só poderia ser incluído em uma edição revisada, caso o referido livro estivesse esgotado. Caso contrário, a saída seria a publicação como anexo, o que provocaria uma confusão no sistema de referências. Assim, Bourbaki decidiu publicar uma versão final dos *Éléments*, que viesse a dar conta de tudo que estivesse pronto e fosse considerado de interesse. A lógica e o espírito bourbakianos, a despeito das necessidades de alteração e mesmo de decisões supostamente inovadoras no funcionamento do grupo, mantinham-se presentes. Contudo, pela grandiosidade da proposta, ela não foi levada a cabo.

Para o livro IX, que viria a ser um dos mais bem sucedidos de todos, particularmente em seus capítulos 4, 5 e 6, assegurou-se que serviria para várias aplicações, bem entendido, sempre ao campo da matemática. O processo de rascunhos ocorreu como sempre, iniciando-se por um rascunho de 70 páginas, passando a cerca de 130 após a primeira leitura, sendo finalizado com 289. Porém, o resultado final consistiu de um trabalho efetivamente coletivo, envolvendo diretamente sete membros, e olhares de diferentes ângulos, entre especialistas e interessados em assuntos correlatos. Segundo Borel, se tal procedimento tivesse sido posto em prática antes, mais livros poderiam ter sido produzidos, uma vez que mais facilmente se superariam as discussões, controvérsias e dificuldades na definição dos planos de atividade.

A explícita propensão de Borel em defender a tendência pragmática não deixa de expressar o momento em que entra para o grupo²¹: a tensão entre a manutenção do mais puro espírito bourbakiano e as exigências dos novos tempos. Por mais irônico que seja, considerar as necessidades dos novos tempos foi a motivação inicial para o grupo.

... antigos ideais

Os anos passam, e nem por isso as divergências dentro do grupo superam a influência de Bourbaki, embora nem sempre bem vinda pelo próprio grupo. É o caso de uma situação ocorrida nos anos sessenta.

Conforme dito, a proposta do grupo tinha como ponto de partida a preocupação, entre outras, com certa “formação de base” do professorado, com repercussões no ensino. Nos anos sessenta, porém, essa coerência entre a motivação inicial e o público a qual ela serviria se vê frente a uma proposta para o ensino da matemática em níveis anteriores, abrangendo o secundário e mesmo o elementar. O motivo parecia fazer sentido: a revolução das ciências e a falta de continuidade entre o secundário e o superior levavam a uma crise no ensino. Pretensões de mudança pedagógica levaram a propor a adoção de etapas de aprendizagem baseadas em um melhor conhecimento dos fundamentos, tal qual feito por Bourbaki, desta vez voltadas para a criança.

Se por um lado havia certa coerência com a proposta bourbakiana – preocupações com o modo adequado de dispor o conhecimento matemático –, por outro, a desconsideração do meio ao qual ela se aplicava – ensino de professores – fez com que Bourbaki, Dieudonné à frente, se eximisse de responsabilidade em relação a isso. Não foi, bem entendido, uma manifestação propriamente contrária à proposta: a

motivação de Bourbaki estava no conteúdo do ensino da matemática, notadamente com a estruturação deste conteúdo na direção de uma unidade do conhecimento, e não com a prática didática, e, com certeza, em nada com a atividade pedagógica. Se Bourbaki defendia o não-especialismo em relação ao conhecimento matemático, o mesmo não se podia dizer em relação aos vários segmentos em que ele circularia. É, em última instância, uma crítica à aplicação da matemática: afinal, em meio a crianças, que outro efeito poderia ter o ensino da matemática que não o de lhes capacitar a um “melhor entendimento do mundo”?

A respeito desse uso “inadequado”, diz Dieudonné: “Não se pode tornar um autor responsável pelo uso que algumas pessoas fazem de sua obra, para justificar teorias ou ações que ele nunca defendeu.” (Dieudonné, *apud* BOMBAL).

Definitivamente, a descrição e o entendimento do real não faziam parte das preocupações de Bourbaki, lições certamente aprendidas em seu curso com Poincaré...

A década seguinte testemunhou a plena compreensão do método de Bourbaki, cujo estilo já era encontrado em outros livros, e a dificuldade de incorporar à proposta novos desenvolvimentos no campo da matemática, dada a rigidez da estrutura textual (Senechal, *apud* RICHER). Além disso, Bourbaki se viu envolvido em uma disputa com a editora por direitos autorais e de tradução²², na qual “ambas as partes perderam e os advogados ficaram ricos” (idem). Resolvidas as pendências em 1980, três anos depois é publicado o último livro, o nono, “Teoria Espectral”²³. Nesta época, segundo Pierre Cartier, membro da terceira geração de colaboradores, em entrevista publicada em 1998, Bourbaki havia se

tornado um dinossauro, "a cabeça muito longe de sua cauda", separadas pelo corpanzil que então já totalizava quarenta volumes publicados.

Quase cinquenta anos distante do início de Bourbaki, e repetindo o marco final determinado para os colaboradores, eis que parece então se encerrar sua brilhante carreira. Mas falar deste cuja influência não se dá mais com a mesma intensidade de antes não é exatamente a mesma coisa que falar de um autor antigo, de alguém anteriormente famoso e caído no esquecimento. Pelo simples fato de Bourbaki não ter exatamente nascido, sua existência não é propriamente passível de não mais haver, de se acabar. E seria ingenuidade atribuir isso ao mistério que o envolve: talvez seu fim, ou mesmo sua existência, tenha tido como resultado a conjuração do mistério que supostamente o sustentava, conferindo-lhe um ar de realidade distinto do meramente biográfico, advindo dos efeitos de autoria e obra resultantes do projeto posto em prática.

Mas seria mesmo necessário que a cada período, a cada passagem de tempo, a cada território percorrido, novas instâncias questionadoras, inovadoras, fossem construídas para reorganizar um saber, um conhecimento? E se assim for, não seria essa proposta de certo modo suicida, autofágica, remetendo a seu fim como o marco inaugural de um necessário recomeço que a repetiria em outros moldes, mais adequados? Mas talvez não seja do lugar do pensado, do pretendido, do intencional, mas sim do acaso, que emergem tais efeitos de convencimento de uma realidade completamente construída.

No relato da segunda experiência, a seguir, talvez fique mais evidente a persistência dessa dimensão do acaso.

Jérôme Jabin

Nascido na Argélia, os dados biográficos de Jabin persistem encobertos por uma névoa de mistério e incertezas. Adorador do futebol, praticado por seu pai em companhia de Camus, parece ter se inspirado na atividade esportiva para definir seus jogos jabanianos, dispositivos de intervenção grupal por excelência, com o qual o ir e vir de pacientes fazia rodar incessantemente a porta giratória de seu consultório, bem em frente ao elevador do número 8 da Rue Pastourelle. Segundo relatos de ex-pacientes, sua postura altiva frente aos grupos que constituía escondia a doce alegria de vê-los cada vez mais esvaziados pelo maior fluxo de saída diante de uma demanda ainda crescente.

Quando naquela noite de quarta-feira os cinco estudantes do curso de psicologia estavam ao redor de uma mesa de bar – encontro inusitado pelo grupo que então se reunia, a despeito do quão banal fosse a situação que ora repetiam –, um breve comentário consumou de vez a eternidade daquele momento. Testemunhado por um deles em uma aula que há pouco terminara, uma aluna, resoluta, havia dito: “*A tarefa da psicanálise é tornar o inconsciente consciente*”. Nem tão surpresos, dada a já conhecida, e bastante debatida por alguns deles, puerilidade com que se apresentavam certas noções no ensino de psicologia, notadamente em relação à psicanálise, boquiabertos ficaram quando relatada a reação da professora: aquiescera, meneando a cabeça. O comentário feito à mesa, logo em seguida, não poderia ser outro: “*Bem, então o inconsciente vai diminuindo, e o consciente, engordando!*”. Estava lançada a base da teoria do estruturalismo dinâmico.

Passo a passo, naquela mesma noite, os cinco estudantes, valendo-se de noções da física quântica, teoria dos grupos, estruturalismo, materialismo dialético e evolucionismo darwiniano, foram passando do simples deboche à formalização da pretensa teoria: mantidas as relações

entre as partes que a constituíam, na estrutura então concebida haveria alternância de movimentos de aproximação e distanciamento entre seus pontos, flexibilizando a forma, mantendo, contudo, a funcionalidade que permitiria a manutenção do reconhecimento do objeto. O aspecto adaptacional ficava garantido não só internamente ao objeto – relativização de sua forma segundo as pressões externas –, como também externamente, a partir do realinhamento das tensões.

Estabelecidas as bases da teoria, faltava *quem* a pudesse sustentar. Um prato de carne-seca desfiada (jabá) que ainda jazia sobre a mesa, saudoso de sua habitual companheira, a abóbora (jerimum), deu o batismo: nascia aí Jérôme Jabin.

Jabin à luz do dia

Nascido à luz da noite, foi também à noite que Jabin veio a público pela primeira vez, tendo como palco a disciplina Dinâmica de Grupo e Relações Humanas. Os cinco criadores elaboraram um “acaso” para que se desse sua aparição: uma violenta discussão entre dois alunos coincidiria com a passagem, à porta da sala, de outro integrante do grupo que seria chamado a dar seu testemunho sobre Jabin, de quem ouvira falar por intermédio de um terapeuta corporal de São Paulo, Carlos Henrique Godoy. Reza a lenda que, bastante reservado, esse aluno só havia comentado sobre Jabin com um dos colegas que participava da discussão por tê-lo encontrado ao acaso no Aterro do Flamengo, enquanto estava esperando Godoy para uma conversa. A demora deste fez com que durante quase duas horas relatasse o que ouvira: a teoria do estruturalismo dinâmico; a alta rotatividade nos grupos de Jabin; a característica de certo modo *underground* a ele atribuída na França, onde atuava; o neo-

antropocentrismo do qual era acusado, expresso no neologismo *Jehomme* – literalmente, “Euhomem”, tudo isso sendo novamente relatado na aula.

Se não bastasse já estar atônita pela discussão que há pouco presenciara, as idéias apresentadas não deixaram a turma menos surpresa. “Ineditismo”, “originalidade”, “ousadia”, mas também “estranheza”, “babaquice”, “papo-cabeça” foram percebidos junto à audiência. A professora responsável pela disciplina, avisada de que “algo estranho poderia acontecer na aula”, nada manifestou. E com isso, talvez sabiamente, evitara repetir o gesto da colega complacente, ou concordante, de dias antes. O segredo, de qualquer forma, mantinha-se entre os cinco alunos.

Jabin vai à academia

Menos sorte teve uma das participantes de uma Mesa escolhida para a apresentação de Jabin ao grande público.

Incluindo um dos querelantes da “aula inaugural” de Jabin, além de três professores – dois da casa e um de fora –, o tema da Mesa se perdeu na memória. Mas ainda é bastante viva a lembrança de alguns poucos entre os numerosos presentes na platéia – a essa altura, uns outros poucos, no máximo dez além dos cinco iniciais, já conheciam toda a história –, procurando esconder o riso por trás da fumaça de seus cigarros enquanto era lida a pergunta, encaminhada por escrito à Mesa, que dava o mote para a apresentação de Jabin: “Peter Pal Pelbart, em seu livro *A Clausura do Fora*, observa que, a despeito do fim dos manicômios como espaço de assistência, outros estão sendo constituídos fora dos muros.

Como o pensamento de Jérôme Jabin poderia contribuir neste debate?” (citado de memória)

A certeza de que poucos o conheciam fez com que fosse necessário expor tudo que se sabia sobre ele, o que de fato era pouco, e se não o suficiente para conduzir a discussão que ora se apresentava, bastante para colher junto aos integrantes da Mesa expressões de desconhecimento, suspeita – há quem garanta, não se sabe ao certo se maldosamente, que um dos participantes murmurara algo como “já ouvi falar” – e entusiasmo: “*Achei muito interessante essa teoria e gostaria de ter acesso a esse texto dele*”, disse uma professora de renomada Universidade particular do Rio de Janeiro, referindo-se a um dos textos “mimeo” de Jabin – as editoras eram pouco afeitas a ele –, ainda em francês, que aguardava tradução.

Jabin em jogo

Ainda no mesmo ano, próximo do fim, uma mesma situação contemplou dois outros momentos da produção jabaniana.

Na casa onde então morava aquela que recentemente recebeu, publicamente, a alcunha de "monstro sagrado da psicologia", ocorreria uma reunião do *Núcleo - Psicanálise e Análise Institucional*²⁴. Jabin havia sido convidado a fazer a apresentação do jogo Cassação, que seria lançado naquela reunião. Na "impossibilidade" de estar presente, enviou-a por escrito²⁵.

Antes, porém, como de praxe, foi necessária nova exposição do pensamento jabaniano, desta feita para um público bem diferente, apenas os integrantes do Núcleo. Entre incrédulos ("Isso é verdade mesmo?") e estupefatos ("O que é que esse cara tá falando?"), assistiram uma apresentação basicamente voltada para as práticas grupais de Jabin,

calcada nas teorias da viagem no tempo e nos efeitos do deslocamento em velocidades acima da da luz – a física quântica então dominava a teoria jabaniana.

Jabin em papel

Por fim, o último grande ato sacramentando Jabin foi em 1994. Trata-se da citação, ao fim de uma dissertação defendida naquele ano, de um escrito seu, e que fez com que ele ocupasse espaço nas prateleiras das bibliotecas. A doçura das palavras, mesclada à precisão dos termos utilizados, expressa um amadurecimento de idéias que talvez apenas o ostracismo permita²⁶. E revela, de modo prospectivo, todo efeito potencial da escrita.

E assim, venho-me a público trazer meu achado do lugar-do-nunca-o-soubemos para outro, de construção infinita, óculos especiais de ver para dentro, que tramam contra o escrito. E àqueles que argüem a veracidade das suposições aqui feitas, não se iludam: a menos de uma letra, de um ponto, de um sinal qualquer, sempre estamos mentindo (Jabin, *apud* RODRIGUES, 1994:924).

Bourbaki e Jabin: vidas e obras?

A repercussão e importância de Bourbaki são evidentes; de Jabin, nem tanto. Quanto ao primeiro, depõem a favor seu registro escrito e os escritos a seu respeito; para o segundo, restam a memória e a lembrança dos relatos. Em comum, os efeitos produzidos em distintos momentos, por diferentes vias, cada qual, a seu modo, constituindo uma vida, na qual a passagem da ficção à realidade se perfaz como deslocamento da mentira à verdade. Por sua “autoria” e “obra”, tanto um quanto o outro se deram

como escritor, palestrante, terapeuta, possuidores de nome, biografia, e o traçado de suas histórias de vida, se não aponta para a efemeridade de uma anedota, piada ou pilhéria, remete aos *efeitos de certeza* sobre aqueles que as ouvem ou lêem. Os *atos de vida* aí envolvidos, portanto, não são propriamente *de* alguém, mas *sobre* aqueles que os assistem e testemunham.

Retomando a discussão inicial sobre autor e obra em Foucault, teria ele, ao escrever seus livros, ao ter seus textos reunidos em coletâneas, conseguido escapar da função autor? Teria ainda conseguido retirar aquilo que produziu do campo da obra e remetê-lo a um supostamente livre campo da caixa de ferramentas? O mesmo para Bourbaki, e sua rígida estrutura de escrita: seria ela tão legítima, precisa e coerente à parte as idas e vindas dos textos que a sustentam? E os efeitos gerados pela esparsa produção de Jabin, são eles puros devires a despeito da ficção-verdade em que se produzem? Não é isso que importa, não importa questionar se o efeito de fuga que porventura ocorreu é verdadeiro ou falso; mas sim estar atento para os critérios que dão condições para a existência e persistência na verdade, a que verdade os ditos e escritos sucumbem, o que os rege, orienta e legitima. E, por outra, para que efeitos de verdade contribuem, para quais separações entre verdadeiro e falso definem limites. E a se desfazer a pretensão de verdade, é permitido dizer que “sempre estamos mentindo”.

Referências bibliográficas

BOMBAL, Fernando. “Nicolas Bourbaki”. Em: *Historia de la Matemática en el siglo XX*. Real Acad. Ci. de Madrid, (1988), 313-323. Em: <http://www.google.com.br/search?q=cache:81WzgVziJz4J:ochoa.mat.uc>

m.es/~bombal/Personal/Historia/BOURBAKI.pdf+%22raoul+husson%22&hl=pt&ie=UTF-8 (acessado em 20 de junho de 2004).

BOREL, Armando. *Twenty-Five Years with Nicolas Bourbaki, 1949-1973*. Notices of the AMS Vol.45 No.3 1998, pp 373-380. EM: <http://www.ega-math.narod.ru/Bbaki/Bourb3.htm> (acessado em 20 de junho de 2004).

FOUCAULT, Michel. *Nietzsche, Freud e Marx*. Lisboa: Editora Princípio, 1987.

FOUCAULT, Michel. *El Orden del Discurso*. Barcelona: Tusquets Editores, 1987

FOUCAULT, Michel. *O Pensamento do Fora*. Lisboa: Editora Princípio, 1990.

FOUCAULT, Michel. *O Que é um Autor?*. Lisboa: Passagens, 1992.

RICHER, Émilie. *Nicolas Bourbaki*, EM: <http://planetmath.org/encyclopedia/NicolasBourbaki.html> (acessado em 20 de junho de 2004).

RODRIGUES, Heliana de Barros Conde. *As subjetividades em revolta: institucionalismo francês e novas análises*. Dissertação de Mestrado. IMS/UERJ, 1994.

Sites pesquisados (acessados em 20 de junho de 2004)

<http://www.bourbaki.ens.fr/index.html>

<http://smf.emath.fr/Publications/Bourbaki/>

<http://www.sciences-en-ligne.com/momo/chronomath/chrono1/Bourbaki.html>

<http://www.dmi.ens.fr/bourbaki/>

<http://www.bourbaki.ens.fr/>

<http://math.univ-angers.fr/~darniere/bourbaki.html#deces>

http://fr.encyclopedia.yahoo.com/articles/sy/sy_384_p0.html

<http://planetmath.org/encyclopedia/NicolasBourbaki.html>

<http://www.faq.sci-math-faq/bourbaki/>

http://www.udenap.org/groupe_de_pages_03/bourbaki_nicolas.htm

<http://www.chourave.ch/guide/bourbaki.html>

<http://www.bartleby.com/65/bo/BourbakiN.html>

http://en.wikipedia.org/wiki/Nicolas_Bourbaki

http://mathematicsbooks.org/search_Nicolas_Bourbaki/searchBy_Author.html
<http://www.bourbaki.ens.fr/index.html>
<http://smf.emath.fr/Publications/Bourbaki/>
<http://www.sciences-en-ligne.com/momo/chronomath/chronol/Bourbaki.html>

Antônio Carlos Cerezzo é Doutorando do Programa de Pós-graduação em Psicologia Social do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP)
 E-mail: acarlosc@usp.br

ANEXO 1

Convite De Casamento Da Filha De Bourbaki
<http://math.univ-angers.fr/~darniere/bourbaki.html#deces>

Faire-part de mariage

Monsieur *Nicolas Bourbaki*,
membre canonique de l'académie royale de Poldévie,
grand maître de l'ordre des compacts,
conservateur des uniformes,
lord protecteur des filtres,
 et Madame, née *Biunivoque*,

ont l'honneur de vous faire part du mariage de leur fille *Betti* avec Monsieur
Hector Pétard,
administrateur délégué de la société des structures induites,
membre diplômé de l'institute of class field archeologist,
secrétaire de l'oeuvre du sou du lyon (?).

Monsieur *Ersatz Stanislasz Pondiczery*,
complexe de recouvrement de première classe en retraite,
président du Hom de rééducation des faiblement convergents,
chevalier des quatre U,
grand opérateur du groupe hyperbolique,
knight of the total order of the golden mean,
L.U.B., C.C., H.L.C.,

et Madame, née *Compactensoi*,
 ont l'honneur de vous faire part du mariage de leur fils
Hector Pétard
 avec Mademoiselle *Betti Bourbaki*,
ancienne élève des bien ordonnées de Besse.

L'isomorphisme trivial leur sera donné par le P. adique, de l'ordre des diophantiens, en la cohomologie principale de la variété universelle le 3 cartembre, an VI, à l'heure habituelle.

L'orgue sera tenu par M. Modulo, assistant simplexe de la grâce Mannienne (lemme chanté par la schola cartanorum). Le produit de la quête sera versé intégralement à la maison de retraite des pauvres abstraits. La convergence sera assurée.

Après la congruence, M. et Mme Bourbaki recevront dans leurs domaines fondamentaux. Sauterie avec le concours de la fanfare du 7ème corps quotient. Tenues canoniques, idéaux à gauche à la boutonnière, c.q.f.d.

ANEXO 2

Comunicado do Falecimento de Bourbaki

<http://math.univ-angers.fr/~darniere/bourbaki.html#deces>

Faire-part de décès

Les familles

Cantor, Hilbert, Noether,

Les familles

Cartan, Chevalley, Dieudonné, Weil,

Les familles

Bruhat, Dixmier, Godement, Samuel, Schwartz,

Les familles

Cartier, Grothendieck, Malgrange, Serre,

Les familles

Demazure, Douady, Giraud, Verdier,

Les familles

Filtrantes à droite et les épimorphismes stricts,
 Mesdemoiselles Adèle et Idèle,

ont la douleur de vous faire part du décès de M. Nicolas Bourbaki, leur père, frère, fils, petit-fils, arrière petit-fils et petit-cousin respectivement, pieusement décédé le 11 novembre 1968 (jour anniversaire de la victoire) en son domicile de Nancago.

L'inhumation aura lieu le samedi 23 novembre 1968 à 15h au cimetière de fonctions aléatoires, métrés Markov et Gödel. On se réunira devant le bar « aux produits directs » carrefour des résolutions projectives, anciennement place Koszul. Selon le vœu du défunt une messe sera célébrée en l'église Notre-Dame-des-problèmes-universels par son éminence le cardinal Alephun, en présence de toutes les classes d'équivalences et des corps (algébriquement clos) constitués. Une minute de silence sera observée par les élèves des écoles normales supérieures et des classes de Cern, car « Dieu est le compactifié d'Alexandrov de l'univers » (Grothendieck, IV, 22).

ANEXO 3

Apresentação do jogo Cassação

Cassação
Carta de Jérôme Jabin
Tradução de C. H. Godoy

“Habe nun, ach! Philosophie,
Juristerei und Medizin,
Und leider auch Theologie,
Durchaus studiert, mit heissem Bemühn.
Da steht ich nun, ich armer Tor!
Und bin so klug als wie zuvor”²⁷.

“Faust”, Goethe

Entre vocês, brasileiros, é corrente a expressão “com quantos paus se faz uma canoa”. Assim talvez tenha pensado Fausto no que se refere ao conhecimento. Parece, principalmente na versão do “espírito universal”²⁸, que Fausto é o curador de um jardim de flores (do mal), onde cada fragmento de conhecer sementeia²⁹ a Totalität.

A aparente multiplicidade desta visão recobre o centro da circunferência: antifractal pensamento em que os vários eixos percorrem não o caminho da hipérbole, que sutilmente converge para suas tangentes, mas o da reta, no qual a posição do próximo ponto é perceptível empiricamente com a certeza matemática da razão: o lúdico sinonimizando o “aqui e agora” no imediatismo e na efemeridade.

Mas a suposta verdade não persiste nem mesmo diante do secular personajem³⁰: “Und sehe, dass wir nichts wissen können!”³¹

Esta falta (não-lacaniana, em que pese o bafejo estruturalista presente*) doravante deixa de sê-la. CASSAÇÃO vem recuperar o sentido do brincar (e não é a toa que foi feito em português)³², e devolver ao jogo de dados, estes até então mal fadados apetrechos cúbicos a eriçar os bigodes nietzscheanos, o status que lhe convém.

Ao longo das vinte e cinco casas do tabuleiro, do jocoso ao grotesco, são as entranhas da cientificidade que estão sendo percorridas. Nelas, o Indiana Jones da intelectualidade se depara com cobras venenosas, sanguessugas, ursos, tamanduás, preguiças, e uma sorte de outros bichos, capazes de deixar qualquer um com aquilo piscando³³.

Jenseits des Freudprinzips³⁴, CASSAÇÃO é um jogo em que a polêmica, sempre presente, é tratada de forma saudável, e em que a competição e a luta pela hegemonia dão lugar a um alegre e divertido exercício do saber.

CASSAÇÃO, ein Spielte für alles und keins!³⁵

¹ Versão revista pelo autor do trabalho de mesmo título apresentado para a disciplina *Psicanálise e Análise de Discurso: matrizes institucionais do sujeito psíquico*, ministrada por Marlene Guirado no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da USP no primeiro semestre de 2004.

² A conferência na Sociedade Francesa de Filosofia ocorreu em 22 de fevereiro de 1969, e publicada no Boletim da Sociedade de julho-setembro. *A Arqueologia do Saber*, livro que dá sequência à investigação sobre a noção de discurso, surge neste mesmo ano, livro explicado por ele no número 28 do *Magazine littéraire*, abril-maio de 1969, em uma entrevista a J.-L. Brochier (“Michel Foucault explique son dernier livre”).

³ Publicado em 1971, é, na verdade, a aula inaugural proferida no Collège de France em dezembro de 1970.

⁴ Publicado em 1967 por Éd. de Minuit, este texto foi apresentado no Colloque de Royaumont, em 1964.

⁵ À primeira vista, há enormes diferenças entre o que nos resulta de Freud e Marx, de um lado, e Nietzsche, de outro. Porém, a pregnância desta diferença se respalda notadamente na cientificidade referida aos dois primeiros, o mesmo não ocorrendo com Nietzsche. De qualquer forma, a caracterização de Nietzsche como fundador de discursividade é por conta e risco da leitura aqui realizada dos dois textos em questão, não sendo proposta por Foucault.

⁶ Na versão brasileira, “La Pensée du Dehors” foi traduzido como “O Pensamento do Exterior” (Editora Princípio, 1990, tradução de Nurimar Faldi). Optou-se aqui pela tradução livre “O Pensamento do Fora” por se entender que o uso da palavra “exterior” atribui, em seu didatismo, uma dimensão topográfica que escapa à proposta de Foucault: *dehors* é tomado como aberto, um extremo, não se confundindo com um lugar. O fato de o referido texto não ter sido intitulado *La Pensée du extérieur*, estando a palavra “exteriorité” presente no índice de noções empregadas por Foucault apresentado em “Dits et Ecrits”, que reúne os textos dele não publicados originalmente como livro (prefácios, entrevistas, artigos etc), indica que ele pretendia expressar sua idéia de outro modo.

⁷ No anexo 1, réplica do convite de casamento.

⁸ <http://www.bourbaki.ens.fr/index.html>

⁹ Outra pode ter sido a escolha alusiva a Euclides. Em relação a ele, há quem duvide de sua existência como quem de fato escreveu seus textos, considerando que ele pode ter sido o líder de uma equipe responsável pela escrita, dando continuidade ao trabalho sob o seu nome mesmo depois de

sua morte; ou, ainda, que ele de fato não tenha existido, sendo um nome adotado a partir de Euclides de Megara, que vivera cem anos antes. A esse respeito, ver p.e. <http://www-gap.dcs.st-and.ac.uk/~history/Mathematicians/Euclid.html>.

¹⁰ http://fr.encyclopedia.yahoo.com/articles/sy/sy_384_p0.html

¹¹ Parece não ter sido bem assim. Samuel Eilenberg (Berlin, 30/09/1913 – 30/01/1998), por exemplo, retirou-se do grupo em 1966, já com 53 anos.

¹² Dados biográficos: Jean Frédéric Auguste Delsarte (Fourmies, 19/10/1903 – Nancy, 28/11/1968); Claude Chevalley (Johannesburg, 11/02/1909 – Paris, 28/06/1984); Jean Alexander Eugène Dieudonné (Lille, 1/7/1906 – Paris, 29/11/1992); André Weil (Paris, 6/5/1906 – Princeton, 6/8/1998); Henri Paul Cartan (Nancy, 8/7/1904 – não confundir com seu pai, o também matemático Elie Joseph Cartan). Para mais informações biográficas, ver <http://www-gap.dcs.st-and.ac.uk/~history/index.html>, link *Biographies Index*.

¹³ Ver anexo 2.

¹⁴ <http://www.sciences-en-ligne.com/momo/chronomath/chronol/Bourbaki.html>

¹⁵ Borel remete a L. Baulieu, *Bourbaki: Une histoire du groupe, de mathématiciens français et de ses travaux*, Thèse. Université de Montréal, 1989 como fonte para uma discussão sobre a origem do nome.

¹⁶ Bombal, também se referindo à autobiografia de Weil, conta que outros personagens foram criados a partir desta biografia, particularmente em relação a Poldávia, terra natal de Bourbaki. Chegou-se ao ponto de inventar um pseudônimo para um personagem fictício: E. S. Pondiczery, membro do Instituto Real de Poldavia, teria encaminhado um artigo para *The American Mathematical Monthly* e solicitado ao editor que o fizesse sob o pseudônimo de H. Petard, que viria a ser o marido da filha de Bourbaki.

¹⁷ Reeditados em francês pela Masson e em inglês, pela Springer-Verlag.

¹⁸ http://fr.encyclopedia.yahoo.com/articles/sy/sy_384_p0.html

¹⁹ A notação \Rightarrow para designar a implicação; a denominação de **N**, **Z**, **Q**, **R** e **C** aos conjuntos dos números naturais, inteiros, racionais, reais e complexos, respectivamente; e a notação \emptyset para conjunto vazio, entre outras (Décamps, apud Richer).

²⁰ A despeito de certo desdém, tal observação pode ser vista como efeito de alguma divergência na condução do projeto, como será visto mais adiante. Divergências, aliás, que podem também ser vistas em relação a Dieudonné, apesar do respeito e do reconhecimento de sua importância.

Isso mostra que mesmo em um funcionamento bem amarrado, as dificuldades de condução persistem.

²¹ Borel manteve contato informal com os integrantes desde 1949, vindo a ser colaborador a partir de 1953, por vinte anos.

²² Não é para menos. Para se ter uma noção da repercussão da obra bourbakiana, e dos interesses editoriais, entenda-se, comerciais, em torno dela, vale ver os preços atuais de alguns livros de Bourbaki: **General Topology: Elements of Mathematics, Chapters 1-4**; Springer Verlag, 1999, ISBN 3540642412, \$59.95; **Elements of the History of Mathematics**, Springer Verlag, 1998, ISBN 3540647678, \$64.95; **Elements of Mathematics: Commutative Algebra Chapters 1-7**, Springer Verlag, 1999, ISBN 3540642390, \$59.95; **Functions of One Real Variable**, Springer Verlag, 2003, ISBN 3540653406, \$109.00.

²³ Esta não foi, porém, a última publicação de Bourbaki, ocorrida apenas quinze anos depois, com o capítulo X do livro VII - Álgebra Comutativa. Para conhecer todas as publicações, ver o site oficial da Associação de Colaboradores de Bourbaki (<http://www.bourbaki.ens.fr/index.html>), no link *Éléments de Mathématique*.

²⁴ Organização criada em 1983 por grupo de professores, coordenadores e alunos do IBRAPSI, após sua ruptura com esse Instituto. Diferentemente do IBRAPSI, não oferecia formação psicanalítica, embora desenvolvesse cursos livres e algumas intervenções institucionais. Depois de um período em que se reunia na então sede do Sindicato dos Psicólogos, chegou a alugar uma sala própria, por pouco tempo. Os encontros passaram a ocorrer nas residências dos participantes. Existiu até esse referido dia, data da que acabou sendo sua última reunião, na casa em que então morava a professora Cecília Coimbra.

²⁵ Ver anexo 3.

²⁶ Na verdade, não é bem assim. Recentemente, em conversa informal, desferiu severa crítica à História Oral, retomando o estilo ácido de seu início. Registrada na memória, eis o que dela nos restou saber: "O homem sempre emitiu um variado repertório de sons: grunhidos, ranger dos dentes, imitação do som da caça. Se antes não havia gravador para registrá-los, isso não basta para fazer partir de um recurso tecnológico o legado de um saber. Mudar as coisas e dar-lhes um nome sempre foi a melhor maneira de mantê-las. A História Oral, nesse sentido, já nasce como um arcaísmo".

²⁷ Em alemão, no original. Em nota de rodapé, Jabin fornece uma tradução livre, em francês, da qual se fez a tradução para o português

apresentada a seguir. O objetivo foi manter-se fiel à visão de Jabin da obra de Goethe: “Ai! Filosofia,/ Direito, Medicina,/ E infelizmente também a Teologia,/ Em completo as estudei com grande afinco./ Eis-me agora, pobre tolo. / E tão sábio quanto antes estou.” (N. do T.)

²⁸ Denominação atribuída a Goethe (N. do T.).

²⁹ Semente. Brilhante trocadilho em que Jabin une as formas ‘sème’ e ‘cimente’ da terceira pessoa do singular do presente do indicativo dos verbos ‘semer’ e ‘cimentar’ (semeiar e cimentar). A existência, em português, de duas formas para o mesmo verbo (semeiar e sementar) facilitou a tradução (N. do T.).

³⁰ Personnage. A troca do ‘g’ pelo ‘j’ alude às críticas que Jabin recebe por seu suposto “neo-anthropocentrismo”. Tais críticos costumam se referir a Jabin fazendo um trocadilho com seu nome: Jehomme (“Euhomem”) (N. do T.).

³¹ Em alemão, no original. “E vejo que nada podemos saber!” (N. do T.)

* Para maiores considerações ver “Structuralist Controversy – the Languages of Criticism and the Sciences of Man”, 1972, Johns Hopkins Press (N. do A.).

³² Jabin se refere ao fato de em inglês (*to play*), alemão (*spielen*) e russo (играть – pronuncia-se ‘igrat’) o mesmo verbo servir para ‘brincar’, ‘jogar’ e ‘tocar’ (N. do T.).

³³ Jabin se mostra a par dos fatos ocorridos no Brasil, certamente devido a sua grande, apesar de recente, amizade com Carlos Henrique Godoy, por meio do quem foi possível que Jabin fizesse a apresentação deste jogo. (N. do T.)

³⁴ Em alemão, no original. Jabin faz um trocadilho intraduzível. Substitui o ‘Lust’ (prazer) de “Jenseits des Lustprinzips” (“Além do Princípio do Prazer”), famoso texto de Freud, por ‘Freude’, que significa prazer, gozo, alegria. O resultado se mantém bem próximo do sentido original, mas soa também como “além do princípio de Freud”, numa crítica evidente à Psicanálise (N. do T.).

³⁵ Em alemão, no original: “Um jogo para todos e para ninguém!”. Em mais uma prova da influência de Nietzsche sobre Jabin, temos este parafraseando seu mestre no subtítulo de “Assim falava Zaratustra”: “Ein Buch für alles und keins” (“Um livro para todos e para ninguém”) (N. do T.).